

# A INTERPRETAÇÃO DO POSITIVISMO NO BRASIL: ORIGINALIDADE E PARADOXOS

Annie Petit

O positivismo foi de grande importância no Brasil, como ilustrado na sua bandeira, que ostenta o lema comtiano “Ordem e Progresso”. Auguste Comte formulou na França essa filosofia que, com base na ciência, propôs uma reorganização político-social: primeiro aplicada à construção de um “sistema de filosofia da ciência”, depois elaborou um “sistema de política positiva”, válido, segundo ele, não apenas para as sociedades ocidentais, mas para o planeta.<sup>1</sup> O positivismo começou a ser conhecido pelos brasileiros na década de 1850 e se desenvolveu na segunda metade do século XIX por caminhos diversos. Importantes trabalhos brasileiros têm sido realizados sobre o assunto.<sup>2</sup> Proponho aqui retomar esta história, sublinhar suas complexidades e certos paradoxos.

Primeiro, devemos lembrar que na França a filosofia positiva e o positivismo explodiram rapidamente em movimentos concorrentes. O *cours de philosophie positive* primeiro rendeu a Comte dois importantes apoios: o do inglês John Stuart Mill (em 1842), depois o do francês Émile Littré (em 1844). Ambos fazem propaganda da nova filosofia. Mas ambos

---

1 Comte (1798-1857) desenvolveu seu *Cours de philosophie positive* a partir de 1826 e o publicou entre 1830 e 1842; ele então o designou como “*Système de philosophie positive*”; o *Sistema de política positiva* foi publicado entre 1851 e 1854, com um “discurso preliminar” publicado já em 1848 como *Discours sur l'ensemble du positivisme*. Sobre a construção do positivismo por Comte, ver Mary Pickering (1993; 2009a; 2009b) e Annie Petit (2016).

2 Entre as obras em que me apoio, ver Antonio Gomez de Azevedo (1900), João Camilo de Oliveira Torres (2018), Otto Maria Carpeaux (1955), João Cruz Costa (1956), Ivan Lins (1964), Tocary A. Bastos (1965), Antonio Paim (1981a; 1981b), Angela Alonso (1996, p. 109-134), Paulo Eduardo Arantes (1988, p. 185-194); Gabriela Pereira Martins (2010, p. 69-91), Mozart Pereira Soares (1998). Eu me apoio também no livro do autor francês Paul Arbousse-Bastide, *Le Positivisme politique et religieux au Brésil* (2010), que é sua tese complementar de 1952 e permaneceu muito tempo inédita, e da qual o autor apresentou uma espécie de resumo em Arbousse-Bastide (1979, p. 79-97).

também logo se desviam do fundador, Comte. Mill cessou toda a correspondência em 1846 e Littré deixou a Sociedade Positivista, que ajudara a fundar no entusiasmo de 1848, em 1852. Os motivos desses distanciamentos diferem em parte, embora tenham uma coisa em comum: ambos deploraram o que Comte chamou de sua “segunda carreira”,<sup>3</sup> aquela em que desenvolveu sua sociopolítica na religião. Ao fundamentar nas ciências essa religião positivista chamada “da Humanidade”,<sup>4</sup> Comte a considerou “demonstrada”, para além das religiões ditas “inspiradas” ou “reveladas”. Mas Mill viu nisso uma sistematicidade quase patológica, e Littré julgou que havia um retorno aos cultos tradicionais, em contradição à filosofia da primeira carreira. Mill, afastando-se do positivismo, apagou nas reedições de seu *System of logic* (1843) numerosas referências a Comte; mais tarde, ele esclareceu suas dissensões em *Auguste Comte et le positivisme* (1865). Littré permaneceu discreto até a morte do homem que ainda afirmava ser seu mestre, mas explicou seus acordos e desacordos em um trabalho: *Auguste Comte et la philosophie positive* (1863).<sup>5</sup> Ele agrupou ao seu redor os seguidores da filosofia positiva que não seguiram alguns de seus desenvolvimentos políticos e religiosos; e sua revista, *La Philosophie Positive*, desenvolveu um positivismo corrigido.<sup>6</sup> Comte falecido, os discípulos ortodoxos se reuniram em torno de Pierre Laffitte, que teve inicialmente apenas um público esparso; só muito depois conseguiram fundar uma revista duradoura<sup>7</sup> e só adquiriram certa importância após o desaparecimento de Littré e a desconti-

3 Comte diz que ela se deve em grande parte ao amor que sentia por uma jovem, Clotilde de Vaux, que rapidamente faleceu, românticamente levada pela tuberculose. Eles se encontram no final de 1844, trocam uma correspondência abundante. Clotilde de Vaux morre em abril de 1845. Comte designa este período como o “ano sem paralelo” e sublima a sua desgraça ao sistematizar o papel filosófico do sentimento e do “coração”.

4 Na biologia, Comte chega até a criar uma teoria cerebral que renovou a concepção da alma, ver “Classification positive des dix-huit fonctions intérieures du cerveau, ou Tableau systématique de l’Âme”, estabelecida em 1851, anexa ao primeiro volume do *Sistema político positivo*.

5 Em 1864, Littré republicou o *Cours de philosophie positive* de Comte como “Prefácio de um discípulo”.

6 *La Philosophie Positive*, 1867-1883, jornal fundado e dirigido por Émile Littré e Grégoire Wyruboff, até a morte de Littré em 1881, codireção então assumida por Charles Robin.

7 Uma tentativa de curta duração em *La Politique Positive*, *Revue Occidentale* em 1871-1872; depois *La Revue Occidentale* foi fundada e dirigida por Pierre Laffitte de 1878 a 1903; durou até 1914.

nuidade de sua revista. Depois, o movimento positivista, enfraquecido por várias crises internas, ganhou outro fôlego em torno de Émile Corra, fundador de uma nova sociedade positivista internacional que acolheu a maioria dos seguidores, criando, também, uma revista.<sup>8</sup>

O “positivismo” foi, portanto, dividido durante a própria vida do fundador entre os desenvolvimentos religiosos que Comte lhe deu em seus últimos anos e a ênfase nas ciências por Littré e seus colaboradores. Posteriormente, as divergências se multiplicaram, na França e na Europa.<sup>9</sup> Tudo isso influenciou a forma como o positivismo foi recebido e compreendido fora da França, o que, por sua vez, não deixou de fazer com que sua compreensão evoluísse em todos os lugares. As idas e vindas da exportação-importação misturaram interpretações e questões polêmicas. A história do “positivismo” no Brasil confirma a polissemia de um termo que, desde o início, levou a confrontos; e as posições de uns e outros, diferindo conforme os eventos se desenrolaram e levaram a uma polimorfia ainda maior.

## **Pródromos e primeiras institucionalizações**

### **Os primeiros interesses dos brasileiros pela filosofia positiva**

A maioria dos estudos sobre a introdução do positivismo no Brasil concorda com o interesse primeiramente despertado pela reflexão na filosofia da ciência, antes de se desenvolver em suas perspectivas sociopolíticas.

A Proclamação da Independência em 1822 entusiasmou os intelectuais e o país abriu-se às ideias europeias; de 1830 a 1850, foi um período de efervescência ideológica. Os livros didáticos de filosofia refletiam empréstimos das correntes francesas;<sup>10</sup> e trabalhos científicos

8 *A Revue Positiviste Internationale*, 1906-1939, foi editada por Émile Corra, até sua morte em 1934, assumem depois François Fagnot e Georges Grimanelli, e mais tarde ainda Pierre Ducassé.

9 Mais detalhes sobre essas sucessões de escolas positivistas na França em Annie Petit (2018, p. 99-128).

10 Assim Condillac, Cousin, Maine de Biran nas obras de Francisco de Mont’Alverne, Gonçalves de Magalhães, Eduardo Pereira Franca, segundo Cruz Costa e Arbousse-Bastide.

referiam-se a Comte e sua filosofia da ciência.<sup>11</sup> O interesse por Comte e sua filosofia cresceu especialmente entre aqueles que se interessavam pela matemática.<sup>12</sup>

Houve também jovens brasileiros que foram estudar na França e na Europa: sabemos que Comte teve alguns deles como alunos.<sup>13</sup> O maranhense Joaquim Gomez de Souza estudou medicina em Paris em 1854-1855, sendo muito próximo de Ernest Delbet, também estudante de medicina e discípulo direto de Comte.<sup>14</sup> Outros jovens estudaram em Bruxelas: assim, Luís Pereira Barreto, Francisco Antônio Brandão Júnior e Joaquim Alberto Ribeiro de Mendonça se relacionaram com Marie de Ribbentrop, ela mesma muito envolvida com o positivismo; esses jovens desempenharam posteriormente um papel importante no desenvolvimento do positivismo no Brasil.<sup>15</sup>

O jornal *El Eco Hispano-Americano*, dirigido pelo positivista espanhol José Segundo Flórez, bem distribuído na América Latina, pode ter desempenhado certo papel. Esse jornal foi publicado quinzenalmente, em Paris, de 1854 a 1872, sob o lema “*Orden y progreso*”.<sup>16</sup> Além disso,

---

11 Raymundo Teixeira Mendes (1892), cita várias teses atestando uma corrente de infiltração positivista influenciando seu herói: a de Miguel Joaquim Pereira de Sá sobre os princípios da estática em 1850, a de Joaquim Alexandre Manso Saião sobre os princípios fundamentais dos corpos flutuantes em 1851, a de Manuel Maria Pinto Peixoto sobre o cálculo diferencial em 1853, e a de Augusto Dias Carneiro, sobre a terminologia em 1854.

12 Antônio Ferrão Muniz de Aragão, *Elementos de matemática*, Bahia, 1858, lembra no início de sua obra a legislação dos três estados e a hierarquia das ciências de Comte; os positivistas, como Miguel Lemos e Clovis Beviláqua, posteriormente utilizam esse texto para mostrar a penetração das ideias comtianas no Brasil. Ver Mary Silva da Silva (1999).

13 Assim José P. d’Almeida, Antônio de Campos Bellos e Agostinho Roiz Cunha – mas não se sabe se seus relatos iam além do domínio da matemática.

14 Os dois estudantes moraram juntos. Sobre J.G. de Souza (1829-1864), ver Antonio Henriques Leal (1873-1875). E. Delbet inicialmente se interessou muito pela economia social de Frédéric Le Play, depois optou pela sociologia comtiana, da qual se tornou propagandista; ele fundou o *Collège Libre des Sciences Sociales* (1895) e o abriu amplamente aos ensinamentos positivistas.

15 Seu papel como transmissores do positivismo é sublinhado por A.G. de Azevedo (1900). A tese de medicina sobre neuroses de L.P. Baretto, defendida em 1865, homenagem em suas dedicatórias vários eminentes positivistas europeus, entre eles Congreve, Laffitte, Audiffrent, Robinet, e se cita “A memória de Augusto Comte”; o autor pega muito emprestado de Comte para as suas propostas de “Tratamento”.

16 J.S. Florez é membro da Sociedade Positivista e discípulo direto de A. Comte, que o escolheu para ser um de seus testamentários. A.G. de Azevedo (1900) também sublinha esse papel.

Comte em seus últimos anos teceu laços com a brasileira Nizia Floresta Brasileira Augusta, uma intelectual de renome.<sup>17</sup> Essas influências, mesmo na opinião de Arbousse-Bastide que as evocou, parecem, no entanto, ter permanecido marginais.

Foi nas escolas militares e em torno delas que se deu, sobretudo, a difusão do positivismo no Brasil. Entre outros personagens com papel decisivo, Benjamin Constant Botelho de Magalhães foi aluno e depois professor da Escola Militar do Rio de Janeiro, que passou a ser Escola Central (1858), depois Escola Politécnica (1874). Posteriormente, Miguel Lemos e Raimundo Teixeira Mendes, fundadores de um “apostolado” muito militante, também foram alunos dessa escola. Esses diferentes vetores do positivismo têm relações complexas.

### **Da influência difusa à institucionalização: sociedades, Apostolado e Igreja**

Benjamin Constant Botelho de Magalhães – conhecido como Benjamin Constant – tal como seus colegas, começou a interessar-se por Comte por intermédio da filosofia da ciência, depois tomou conhecimento do positivismo como um todo por volta de 1857; em 1867, confessa-se convencido pela religião da Humanidade.<sup>18</sup> Em 1868 fundou, com alguns amigos, uma Sociedade de Estudos Mútuos do Positivismo, que desapareceu em pouco tempo. Depois, ao assumir a direção do Instituto da Criança Cega, propôs um plano de estudos inspirado nos princípios positivistas.<sup>19</sup> Ele também os propagou nos vários cargos de ensino que ocupou posteriormente.

Em 1872, Lemos ingressou na Escola, que se tornara Central, e em 1874, Teixeira Mendes ingressou na mesma Escola, que se tornara Po-

17 Abolicionista e feminista, tradutora em 1832 de *A vindication of the rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft, ela cuidou de uma escola para meninas no Rio de Janeiro, de 1838 a 1849; depois viajou para a Europa e morou em Paris, onde conheceu Comte e teve aulas com ele em 1851; eles se corresponderam entre 1856 e 1857. É autora de 15 livros. Ver Charlotte Hammond Matthews (2012).

18 Ver Arbousse Bastide (2010), com base em Teixeira Mendes (1892) e em A. Ximeno de Villeroy (1928).

19 Ver o seu *Relatório de gestão* de 1870 e os debates que suscitou, analisados por Arbousse Bastide (2010, cap. 2, p. 52-56).

litécnica. Este último era amigo de Antônio Carlos de Oliveira Guimarães, com quem estagiou no Colégio Pedro II e que lecionava na escola; ele o apresenta a Lemos. Guimarães já era leitor de Comte e conversou com eles sobre o autor. Lemos e Teixeira Mendes conheceram Comte durante seus estudos e interessaram-se tanto por ele que empreenderam a tradução do seu *Traité de géométrie analytique*. Quando A.C. de Oliveira Guimarães tomou a iniciativa de fundar a Associação Positivista do Rio de Janeiro, que presidia, Benjamin Constant estava entre os membros fundadores, junto com Lemos e Teixeira Mendes.<sup>20</sup> Os dois futuros “apóstolos” estavam então menos ligados ao lado religioso do positivismo e mais próximos das concepções de Littré. Eram, inclusive, de um littréismo descrito como “provocativo” por Arbousse-Bastide, o que é demonstrado pela análise dos diversos artigos reunidos por Lemos em seus *Pequenos ensaios positivistas*, em 1877.<sup>21</sup> Os dois amigos partiram juntos no final de 1877 para Paris, determinados a encontrar Littré lá.

Em Paris, Littré os decepcionou. Teixeira Mendes voltou ao Brasil no final de 1878. Mas Lemos permaneceu na França até fevereiro de 1881 e estabeleceu estreitas relações com os ortodoxos. Apressou-se em anunciar sua conversão ortodoxa ao amigo e aos positivistas brasileiros que, após a morte prematura de Guimarães, se reagruparam na Sociedade Positivista do Rio, presidida por Joaquim Ribeiro de Mendonça e claramente filiada à direção parisiense de P. Laffitte. Lemos então trabalhou para organizar as relações entre as duas sociedades positivistas.<sup>22</sup> Em Paris, conheceu também um jovem chileno, Jorge Lagarrigue; ambos receberam de Laffitte o sacramento da “Destinação” ao sacerdócio.<sup>23</sup>

---

20 Esta primeira associação foi fundada em 1º de abril de 1876. Joaquim Ribeiro de Mendonça, Álvaro de Oliveira, Oscar de Araújo também faziam parte dela. A.C. de Oliveira Guimarães também lecionou no Instituto de Crianças Cegas, no qual Benjamin Constant era professor de matemática, depois diretor.

21 A obra reúne uns 15 artigos, cinco dos quais expressamente dedicados ao positivismo, defendendo seus fundamentos científicos e expressando sua desconfiança contra os desvios religiosos. “L’Avertissement”, (o aviso) apresenta a filosofia de Comte “continuada” por Littré, Robin e Wyrouboff, e a defesa do positivismo se baseia em Littré e Mill. Análise de Arbousse-Bastide (2010, p. 72-78); sobre o “littréismo provocador” (p. 83).

22 De fato, quando em 1878 a Sociedade Positivista do Rio de Janeiro foi reestruturada, Lemos e Teixeira Mendes, então ausentes, viram-se excluídos. Lemos pediu, logo, a sua readmissão desde Paris, que lhe foi concedida em outubro de 1879, e aplicou-se em convencer o amigo, que também foi readmitido, em 1880.

23 Lemos em novembro de 1880, Lagarrigue em julho de 1883.

Assim que Lemos voltou ao Brasil, foi muito ativo na organização da propaganda do positivismo e, em maio de 1881, J. Ribeiro de Mendonça transmitiu-lhe a presidência da Sociedade Positivista. Os estatutos e o nome foram imediatamente reformados: nasceu o “Centro Positivista Brasileiro ou Igreja Positivista Brasileira”, nome que traduz a preocupação de agrupar todos os positivistas do Brasil e a opção claramente religiosa. A nomeação de Lemos como diretor foi devidamente aprovada por Laffitte, que também a reconheceu na *Revue Occidentale*.<sup>24</sup> A revista francesa dava regularmente notícias sobre o positivismo brasileiro e suas muitas atividades apostólicas.<sup>25</sup>

Essas primeiras manifestações de um positivismo brasileiro que se institucionalizou merecem alguns comentários. Por um lado, aqueles que são sensíveis a ele são, no início, principalmente matemáticos ou médicos.<sup>26</sup> Por outro lado, Lemos e Teixeira Mendes, foram primeiro litteístas, antes de se tornarem, a partir de 1881, os “apóstolos” de um positivismo expressamente religioso e muito rigoroso. Posteriormente, outras reversões de obediência marcaram os seguidores, porque se o Apostolado do Rio se esforçava para uni-los, também exibia uma intransigência que multiplicava as tensões. Enfim, os campos que abrangiam aquelas primeiras atividades foram muito amplos: celebrações e comemorações festivas, mas também conferências dirigidas a vários públicos, esforços para instituir ensinamentos e numerosas publicações, incluindo petições; as intervenções político-sociais foram muito variadas, abordando a questão da emancipação dos escravos, os problemas da imigração e os projetos da “grande naturalização”, a preocupação com um estado civil independente de qualquer intervenção eclesiástica, debates parlamentares, com críticas vigorosas de sua verborreia perigo-

24 Ver *Revue Occidentale*, 1 jul. 1881.

25 Jorge Lagarrigue dá notícias sobre o “Positivismo no Brasil” em 1879; depois, Lemos publica um “Boletim sobre o Brasil”, de 1881 a 1883.

26 Entre os matemáticos, estão os doutorandos da década de 1850, mas também Benjamin Constant, Lemos, Teixeira Mendes; para os médicos, ver L.P. Barreto (tese em 1865), J.R. de Mendonça (tese em 1876), Joaquim Bagueira do Carmo Leal no Rio e Raimundo Belfort Teixeira no Ceará (teses defendidas em 1881). Entre os 25 signatários proclamando em 1883 a autonomia do Centro Brasileiro, encontram-se nove matemáticos e alunos da Escola Central/Politécnica e quatro médicos ou alunos da Faculdade de Medicina.

sa... O vigor e o rigor dos apóstolos foram por vezes exercidos sobre seus colegas: Lemos criticou violentamente os positivistas littreístas “incompletos” dos quais admitiu ter sido um deles,<sup>27</sup> e atacou com virulência Luís Pereira Barreto, cujos primeiros textos ele não obstante valorizou,<sup>28</sup> mas depreciou os de 1880.<sup>29</sup>

De fato, as tensões levaram ao conflito. Quando Lemos quis que os positivistas pagassem um “subsídio” ao “líder brasileiro”, os seguidores, inclusive alguns que foram os primeiros, se revoltaram.<sup>30</sup> Além disso, as relações com Laffitte deterioraram-se: Lemos recorreu a ele para certas questões que o opunham aos colegas – sobre a aceitação de cargos políticos pelos positivistas, ou sobre a legitimidade da posse de escravos;<sup>31</sup> mas Laffitte demorava a responder, Lemos achava-o evasivo e ausente, e ficou escandalizado ao saber que Laffitte aceitou uma herança. A ruptura aconteceu em 1883: o Centro Brasileiro proclamou sua autonomia.<sup>32</sup> Jorge Lagarrigue, logo em seguida, declarou a ruptura chilena.<sup>33</sup>

Essas desavenças causaram muita agitação. No Brasil, a rigidez do positivismo apostólico às vezes irritava alguns adeptos, que se distanciaram. Na França, Laffitte fulminou e ironizou, em suas *Circulares*, esses apóstolos excessivos, suas “ vaidades sem capacidades”, sua

27 Ver o “Bulletin du Brésil”, em *Revue Occidentale*, n. 3, p. 507-514, 1880.

28 Lemos cita os estudos de L.P. Baretto, *As três filosofias (Filosofia teológica, 1874 e Filosofia metafísica, 1876)* como obras opostas às dos “incompletos”, *ibid.*, p. 509.

29 Ver *Revue Occidentale*, n. 1, p. 156-161, 1881, Lemos critica o *Positivismo et theologia*, no qual Barreto (1880a) uniu seus artigos aos de outros positivistas paulistas, mas o apóstolo do Rio de Janeiro acha que Barreto não tem insistido suficientemente na “sistematização moral”; quanto às *Soluções positivas de política brasileira* propostas por Barreto (1880b), Lemos julga que “não há nada positiva e muito menos positivista” e que “a heresia está em cada página”; esses textos ilustrariam “o perigo das mentes teóricas” que querem “se envolver nas lutas políticas de cada dia” sendo uma espécie de “gongorismo científico”.

30 Circular de Lemos, de 3 dez. 1881; demissão de A. de Oliveira em 24 dez. Demissão de Benjamin Constant em 25 jan. 1882.

31 Em ambos os casos Lemos se confronta com J.R. de Mendonça, a quem obriga a renunciar, ver Arbousse-Bastide (2010, Parte III).

32 Ver a circular coletiva dirigida a todos os verdadeiros discípulos de Augusto Comte para informá-los do grande cisma, Rio de Janeiro, 3 dez. 1883.

33 Em março de 1884, J. Lagarrigue anunciou oficialmente sua separação a Laffitte e enviou uma *Circulaire adressée aux positivistes*, retomada em *Lettres sur le positivisme et la mission religieuse de la France* (1886, p. 121-127); circular reproduzida na *3ª Circular do Apostolado Positivista Brasileiro* para o ano de 1883 (p. 159-164).

impaciência para se instituir como sumo-sacerdotes enquanto “a conquista espiritual da Humanidade” era necessariamente lenta; generalizou a condenação do que chamou “aberrações místicas”: era esquecer “a razão iluminando o sentimento”, contentava-se em “repetir fórmulas sentimentais indefinidamente”, sem praticá-las; era também “aceitar, de certa forma, na (sua) opinião, absoluta demais, as previsões, bem como os conselhos práticos de Augusto Comte”, enquanto ele mesmo sabia como modificar suas previsões e seus conselhos; Laffitte falava de “aborto social”, de “ vaidade ingênua” que “a pretexto de ação religiosa” faziam “trabalhos de desorganização”, de “teóricos abortados” e de Tartufos destruidores.<sup>34</sup> Lemos protestou e criticou a complacência colonial do positivismo lafittiano em matéria de política externa.<sup>35</sup> Alguns positivistas europeus, porém, subscreveram as críticas dos apóstolos cariocas, especialmente porque a autoridade de Laffitte e suas orientações já tinham sido objeto de contestação: em 1878, o inglês Congreve se separou dele, preocupado com um positivismo mais “religioso”, e duas alianças foram instituídas na Grã-Bretanha; os franceses Audiffrent e Sémerie, apoiando-se em Congreve e denunciando o intelectualismo de Laffitte e sua fraqueza religiosa, também fundaram uma sociedade positivista concorrente.

34 Laffitte, *36ª Circular anual*, de 1884 (p. 9-11): Lemos “deveria ter dedicado a sua atividade ao cumprimento das difíceis condições mentais da sua função, e à propagação do positivismo pelo ensino científico e filosófico em vez de tender cada vez mais a um jornalismo positivista”; *37ª Circular* de 1885, (p. 8-9): “temos visto pessoas acreditarem serem pequenos Augusto Comtes, repetindo quase mecanicamente afirmações que só podem ser verdadeiramente compreendidas e sobretudo aplicadas se preenchermos, até certo ponto, as condições que permitiram encontrá-las. [...] O positivismo [...] exige esforços viris e não um vago misticismo no qual algumas pessoas reunidas por vaidades patológicas se felicitam mutuamente, excomungando tudo o que não seja [semelhante a] eles”.

35 Em sua *3ª Circular* do ano de 1883, apresentada na forma de uma “Carta a Laffitte” datada de 23 de julho de 1884, Lemos critica as posições assumidas na expedição à Tunísia e nas expedições à Indochina ou à China. Ver também Lemos, *Positivisme et laffittisme. Réponse à la protestation lafittienne contre la circulaire collective du Centre positiviste brésilien*. Rio de Janeiro, 1884. Veja também mais adiante Lemos, *Pour notre Maître et notre foi. Le positivisme et le sophiste Pierre Laffitte*, Rio de Janeiro, out. 1889.

## Debates, lutas e competições

No Rio de Janeiro, os “apóstolos” desenvolveram um positivismo “religioso” no sentido muito amplo como lhe deu o fundador, ou seja, intervindo constantemente nas questões políticas e sociais. Mas suas orientações intransigentes eram, às vezes, contestadas. E outros agrupamentos foram feitos. O complexo papel dos positivistas na Revolução de 1889 e na República Federal que se seguiu também deve ser avaliado com cautela.

### O “Apostolado” da “Igreja Brasileira” do Rio

As atividades do Apostolado têm muitos aspectos; o que chama a atenção é justamente sua diversidade e seu oportunismo; todas as ocasiões são aproveitadas para dar uma opinião, grandes e pequenos eventos, perguntas gerais e *faits divers*. Além das circulares regularmente enviadas aos seguidores, os apóstolos multiplicaram as cartas, declarações, brochuras e folhetos. Arrousse-Bastide esforçou-se por fazer o relato desses fatos e elaborou uma bibliografia de publicações que ilustram claramente o alcance e a variedade das intervenções.<sup>36</sup> Encontra-se aí, claro, um maior interesse pelos rituais, as comemorações dos heróis da Humanidade durante as festas, as do *Calendário* e de heróis mais nacionais (como Tiradentes ou José Bonifácio); a celebração da independência nacional é de grande importância e regular; os “sacramentos” são conferidos com pompa; existe também um culto especial a Clotilde de Vaux, apoiando um culto à Mulher. No meio político-social, os apóstolos se envolviam em tudo: ensino, instrução e educação, pedagogia científica, criação ou não de uma universidade no Brasil, reformas ortográficas; escravidão<sup>37</sup> e incorporação do proletariado, organização do trabalho, mendicidade; as mais diversas medidas de política inter-

36 Arrousse-Bastide (2010, p. 462-485), “Publications positivistes au Brésil par ordre chronologique”. Ver também Antonio Paim (2002, p. 29-65), dos quais a 2ª parte apresenta as publicações do Apostolado Positivista do Brasil.

37 Os apóstolos eram muito ativos antes do decreto de abolição emitido em 13 de maio de 1888; a questão também foi retomada posteriormente em polêmica com Joaquim Nabuco ao longo de 1888, ver Arrousse-Bastide (2010, p. 293-307).

na (por exemplo a dissolução da Câmara, as eleições, o militarismo e a diplomacia, a questão do casamento civil e do casamento misto, a necessidade dos registros civis, os concursos para funcionários públicos, o exercício da medicina, a vacinação obrigatória, a secularização dos cemitérios, os privilégios funerários, a liberdade de culto, a separação Igreja-Estado, a liberdade bancária, as profissões, a liberdade de testamento, a propriedade literária, os feriados, a proteção dos nativos e dos animais etc.), mas também da política externa, por meio de cartas aos embaixadores (ingleses, japoneses, chineses etc.), da posição sobre as guerras ocidentais e coloniais, sobre conferências de paz etc.

Deter-nos-emos um pouco sobre a participação dos positivistas na Revolução de 1889 que levou o Império à República. Alguns positivistas e simpatizantes desempenharam nela um papel determinante. Assim foi Benjamin Constant, relacionado com Deodoro da Fonseca, que se tornou o primeiro presidente da República Federativa. Juntos, fundaram o Clube Militar, em 1887, que desempenhou um papel importante nos acontecimentos de meados de novembro de 1889. No entanto, como diz Arbousse-Bastide, se os positivistas tiveram “uma participação considerável na propaganda republicana, eles não intervieram na Proclamação da República, da qual foram os primeiros surpreendidos e os últimos informados”.<sup>38</sup> As iniciativas de Benjamin Constant têm, em todo o caso, muito pouco a ver com o Apostolado que deixou em 1882. De fato, durante a campanha eleitoral de 1881, quando Lemos tentou uma aliança com o Partido Republicano, do qual Quintino Bocaiúva era candidato, houve desentendimentos e fracassos.<sup>39</sup> Logo depois, Lemos e Teixeira Mendes mantiveram seus papéis de conselheiros, preservando-se do que consideraram compromissos com os partidos políticos. Esta-

38 Arbousse-Bastide (2010, p. 309). O autor segue os acontecimentos que levaram à República na 4ª parte cap. 2. Os positivistas eram, porém, informados dos acontecimentos pelo seu ex-colega que continuava amigo, Anibal Falcão, então próximo de Benjamin Constant.

39 Ver Arbousse-Bastide (2010, p. 130-136), que conclui “O republicanismo democrático, liberal, individualista, representativo e revolucionário pouco tem a ver com o republicanismo autoritário, conservador e social dos positivistas” e fala de um “abismo” entre o republicanismo preconizado por Lemos e Teixeira Mendes em seus textos de 1874 e o que defendiam para Bocaiúva. Ver também a análise do discurso de Teixeira Mendes por ocasião da Independência de setembro de 1881 (p. 137-142), *A festa da Pátria*, que especifica os temas positivistas. E veja também Antônio Luiz dos Santos Werneck (1880).

vam, portanto, sobretudo estarecidos com a Proclamação da República, e nas suas avaliações públicas dos acontecimentos reconheceram o quão estranhos estiveram a tudo que se preparou (Arbousse-Bastide, 2010, p. 323). Por outro lado, assim que a República foi proclamada, os apóstolos se reaproximaram de Benjamin Constant e ofereceram seu apoio. Insistiram no trabalho que haviam empreendido em vista da República e se empenharam em intervir para influenciar as medidas tomadas, misturando dirigismo e liberalismo progressista em suas propostas. Não foram, portanto, motores da revolução, mas colocaram-se como conselheiros oportunistas, redigindo “indicações urgentes” para o governo e as “bases” da futura constituição.<sup>40</sup> Também conseguiram que a bandeira adotada exibisse as cores e símbolos positivistas, incluindo o lema “Ordem e Progresso”.<sup>41</sup> Fiéis às suas reivindicações de “liberdade espiritual” há muito declaradas, os positivistas participaram muito ativamente dos trabalhos sobre a separação entre Igreja e Estado: Teixeira Mendes interveio e sobretudo Demétrio Ribeiro, que foi o redator de um projeto, escrito em colaboração com Lemos; mas foi o projeto de Rui Barbosa, mais favorável à Igreja, que acabou vencendo.<sup>42</sup> Na sequência, foram adotados o casamento civil e a secularização dos cemitérios, há muito solicitados pelos positivistas, que também consideraram essas reformas incompletas. Por outro lado, aceitaram a proposta de Demétrio Ribeiro relativa aos feriados nacionais, de inspiração claramente positivista.<sup>43</sup> Os positivistas também participaram ativamente dos debates

40 Ver Lemos, “Ao Povo e ao Governo da República. Indicações urgentes”, Rio de Janeiro, 21 nov. 1889; Lemos e Teixeira Mendes, “Bases de uma constituição política ditatorial federativa para a República brasileira”, Rio de Janeiro, jan. 1890.

41 Teixeira Mendes reúne depois diversos textos escritos sobre o assunto: *A Bandeira nacional*, ed. de 1921; ver também José Feliciano de Oliveira, *A Bandeira nacional (1907-1908)*.

42 Rui Barbosa era amigo do bispo do Pará, dom Macedo Costa, com quem tinha discutido seu projeto; sobre a concorrência desses projetos, ver Arbousse-Bastide (2010, p. 341-362). O decreto foi emitido em 7 jan. 1890. Sobre a questão, ver também Teixeira Mendes, *Appel fraternel aux Catholiques et aux vrais Républicains français pour que soit instituée la liberté spirituelle d’après Auguste Comte et non seulement la séparation des-potique des Églises et de l’État*. Rio de Janeiro, abr. 1905.

43 Decreto promulgado em 14 de janeiro de 1890. O texto do projeto foi escrito com Teixeira Mendes. Ele também foi alvo de uma polêmica entre Lemos e Rui Barbosa, ver Miguel Lemos, *O calendário positivista e o Sr. Ministro da Fazenda*, 15 fev. 1890. Ver também Antônio dos Reis Carvalho, *Os feriados brasileiros...* (1926).

sobre política social: o destino do proletariado,<sup>44</sup> a questão da imigração e da incorporação étnica,<sup>45</sup> a política médica,<sup>46</sup> a questão da educação.<sup>47</sup> Eles também se intrometem na política financeira.<sup>48</sup> E, obviamente, os apóstolos comunicam suas ideias sobre a futura Constituição.<sup>49</sup>

A Constituição promulgada em fevereiro de 1891, entretanto, pouco tinha a ver com a “ditadura republicana”, pois os positivistas esperavam o estabelecimento de uma reorganização fundamental da sociedade, de acordo com suas convicções (Arbousse-Bastide, 2010, p. 381-416). De fato, apenas a constituição do Rio Grande do Sul retomou os princípios positivistas de forma bastante expressa, por meio da ação de Júlio Prates de Castilhos, líder do grupo positivista daquele estado.

A Proclamação da República no Brasil permitiu que os positivistas franceses renovassem os laços com seus colegas brasileiros. De fato, Oscar de Araújo, um dos membros das primeiras agremiações brasileiras, estava em Paris, próximo dos ortodoxos, desde 1881, e multiplicou

44 Teixeira Mendes, *A Incorporação do proletariado na sociedade moderna. Breves considerações para fundamentar as medidas que em nome de uma parte do Proletariado empregado nas oficinas públicas dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro, 25 dez. 1889.

45 Lemos e Teixeira Mendes, *A política positiva e a grande naturalização*, Rio de Janeiro, 19 dez. 1889.

46 Oposição à vacinação obrigatória. Esses debates foram retomados em 1903 com uma campanha contra o “despotismo sanitário”.

47 Teixeira Mendes, *A política positiva e o regulamento das escolas do Exército*, 12 abr. 1890, que critica bastante severamente as reformas previstas por Benjamin Constant.

48 É uma polêmica entre Demétrio Ribeiro e Rui Barbosa que está na origem da demissão do ministro positivista no final de janeiro de 1890. Ver também as intervenções de seus colegas, Lemos e Teixeira Mendes, *A política positiva e a liberdade bancária*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1890.

49 Ver Lemos e Teixeira Mendes, “Bases de uma constituição...”, *op. cit.*, jan. 1890; Teixeira Mendes, “Exame do projecto de Constituição apresentado pelo Governo provisório e indicações das correções indispensáveis para harmonizar suficientemente tal projecto com as exigências capitais da situação brasileira”, 1890; Lemos e Teixeira Mendes, “Representação enviada ao Congresso Nacional propondo modificações no projeto de Constituição apresentado pelo Governo”, 12 dez. 1890.

os artigos sobre o Brasil.<sup>50</sup> Mas, a partir de 1890, outros falaram do Brasil, inclusive o próprio Laffitte.<sup>51</sup> Além disso, os adversários de Laffitte buscavam se aproximar dos brasileiros, até mesmo porque também o criticaram pela política externa que apoiava o colonialismo.<sup>52</sup>

## Os vários grupos positivistas brasileiros

Se os apóstolos da capital estavam convencidos de serem os únicos a encarnar o positivismo, outros, no entanto, também o afirmavam, sem se submeter ao fundamentalismo religioso da “Igreja”.

Já mencionamos algumas variantes do positivismo no próprio Rio de Janeiro. Mencionamos também o positivismo ilustrado pela ação de um dos pupilos de Benjamin Constant, Cândido Mariano da Silva Ron-

---

50 Araújo contribuiu para a *Revue Occidentale* desde 1881 e interveio nela cerca de vinte vezes. Sobre o Brasil ver: “Les antécédents de la République du Brésil”, 1892, n. 1, p. 143-153; “Le fondateur de la République brésilienne: Benjamin Constant Botelho de Magalhães”, 1892, n. 2, p. 175-189; “L’idée républicaine au Brésil”, 1893, n. 1 p. 108-124; esses artigos são retomados no livro *L’idée républicaine au Brésil* (1893); Araújo apresentou “La question de l’enseignement libre au Brésil” 1900, n. 1, p. 62-73. Araújo também fez parte da Sociedade de Sociologia de Paris fundada por René Worms e publicou “Le mouvement social au Brésil de 1890 a 1896”, *Revue Internationale de Sociologie*, em maio de 1896.

51 Ver na *Revue Occidentale*: Laffitte, “La république au Brésil”, 1890, n. 1, p. 1-5; Robinet, “Les États-Unis du Brésil”, 1890, n. 1, p. 6-9; “Adresse des positivistes français à Benjamin Constant”, 1890, n. 1, p. 46-47; Anton Nyström, “La Société positiviste de Stockholm au gouvernement de la République du Brésil”, 1890, n. 1, 59-60; Urbano Marcondes, “Les antécédents de la République du Brésil”, 1890, n. 2, p. 38-49; S.H. Swinny, “La République au Brésil”, 1890, n. 4, p. 70-72; “Réforme de l’enseignement militaire au Brésil, décret”, 1890, n. 4, p. 133-135; “Célébration du 1<sup>er</sup> anniversaire de la fondation de la République au Brésil”, 1891, n. 1, p. 118-120; “Honneurs rendus à Benjamin Constant, Constitution brésilienne”, 1891, n. 3, p. 376-377; A. Gomes de Azevedo Sampaio, “Essai sur l’histoire du positivisme au Brésil”, 1899, n. 4, p. 5-43 e n. 5, p. 216-230, reproduzida em brochura, da qual Laffitte faz uma “Apreciação”, 1901, n. 5, p. 273-280.

52 Em 1893, foi fundado um “Grupo de Ação Positivista”, que se uniu a Audiffrent e se juntou aos contestatários de Laffitte em 1895, quando este queria dissolver a “execução testamentária” instituída por Comte. Ver a brochura *L’Exécution testamentaire d’Auguste Comte à tous les positivistes*, 16 ago. 1895. Esses contestatários formaram um grupo publicando seus próprios textos e circulares pelo menos até 1899. J.S. Florez e o dr. Robinet foram muito ativos nesse grupo, assim como o secretário Alfred Dubuisson que se corresponde com Lemos. De fato, apesar do cisma, Lemos manteve o contato com o dr. Robinet, que, aliás, tinha posições divididas em 1878-1879.

don: durante missões de construção de linhas telegráficas em 1890, esse general positivista empreendeu trabalhos de proteção aos índios, aos quais dedicou sua vida.<sup>53</sup> Outros alunos da Escola Central/Politécnica conservavam um positivismo que não se inclinava à religiosidade. Assim, Aarão Reis, que traduziu Littré desde 1879, desenhou um positivismo sobretudo preocupado com o progresso e o aperfeiçoamento técnico.<sup>54</sup> Mais tarde, Vicente Licínio Cardoso, também um positivista declarado, não seguiu as modalidades do Apostolado: seu pai foi positivista e professor da Escola Politécnica; na qual ele próprio era formado.<sup>55</sup> A sua carreira desenvolveu-se na arquitetura e na construção civil, mas esteve também muito atento à educação que, como positivista, concebia numa perspectiva missionária. Foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Educação (1924), a qual presidiu, e na qual organizou uma Federação Nacional das Sociedades de Educação (1929) enquanto seguiu a carreira acadêmica. Para ele, a relação do homem com seu meio também fundamentava o social. Articulou um sentido da “força da terra” com um certo “americanismo” visto como modernidade revigorante, enquanto o “europeísmo” era visto como a ideologia de velhas sociedades cansadas. Sua preocupação com a educação pública ligava-se ao desejo de modelar novos homens capazes de liderar a transformação social.

Nas diversas províncias brasileiras, e ainda que os simpatizantes positivistas inicialmente concordassem com o Apostolado, não faltavam variações e controvérsias.

53 Rondon (1865-1958) tinha ascendência indígena. Em 1910, criou um Serviço de Proteção ao Índio e o chefiou; em 1939, foi o primeiro presidente do Serviço de Proteção ao Índio. Ver Todd A. Diacon (2004a, 2004b).

54 Aarão Leal de Carvalho Reis (1853-1936) ingressou na Escola Central em 1869, na qual se forma engenheiro geógrafo e engenheiro civil. Ele publica na “Bibliotheca Positivista” os textos de Littré, *A ideia de Deus segundo a philosophia positiva. Discurso de recepção pronunciado na Maçonaria em 9 de julho de 1875* e *O principal dever do homem para consigo e para com seus semelhantes*. Discurso pronunciado na Maçonaria em 9 de julho de 1876. Rio de Janeiro, 1879; sua introdução denuncia os “falsos apóstolos” da nova doutrina, o que parece ter como alvo os “religiosos”. Ele também traduziu *Condorcet, A escravidão dos negros* (1881). Foi assessor técnico dos ministérios do governo provisório, depois dedicou-se às companhias de desenvolvimento ferroviário, de distribuição de energia elétrica e urbanismo. Ver Salgueiro (1997).

55 Vicente Licínio Cardoso (1889-1931) ingressou na Escola Politécnica em 1906, saindo com os diplomas de engenheiro (1912 e 1916). Viajou para os Estados Unidos e Europa e seus trabalhos fizeram eco às influências de lá.

No estado de São Paulo, os positivistas tornaram-se rapidamente bastante numerosos. Um dos mais importantes foi Luiz Pereira Barreto, um dos ex-alunos do grupo de Bruxelas, no final da década de 1850, que, tendo voltado ao Brasil, tornou-se médico e publicou numerosos trabalhos marcadamente de influência positivista.<sup>56</sup> Já foi falado sobre as severas críticas de algumas dessas obras de Lemos. Barreto publicou com seus colegas: José Leão,<sup>57</sup> Américo de Campos<sup>58</sup> e Nicolau França e Leite<sup>59</sup> contribuíram para a compilação de 1880, de *Positivismo e teologia*. De fato, já existia em São Paulo uma Sociedade Positivista desde 1881, sob a direção de Godofredo José Furtado;<sup>60</sup> Lemos deu ali uma série de conferências numa “viagem apostólica”, mas temia os excessos literários contra os quais alertava. O grupo paulista estava claramente ligado à Escola Normal, na qual Furtado era professor, tal como os mi-

---

56 Luiz Pereira Barreto (1840-1923) teve uma carreira de sucesso na medicina, trabalhou, entre outras coisas, para erradicar a febre amarela e presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo; também teve uma carreira política, chegou a ser presidente da Constituinte de São Paulo e deputado da Constituinte Republicana; ele também fez algumas descobertas em agronomia, sobre o café, e em viticultura. Ver José Feliciano de Oliveira (1924), Roque Spencer Maciel de Barros (1967), Angela Alonso (1995), Fábio de Barros Silva (2013).

57 José Leão Ferreira Souto (1850-1904), nascido no Rio Grande do Norte, partiu com a família para o Rio de Janeiro, onde foi aluno da Escola Central. Posteriormente, foi para São Paulo, onde frequentou as rodas jornalísticas e fez amizade com Silva Jardim. Também é um abolicionista declarado. Foi sócio do Clube Tiradentes, fundado em 1882. Assinou a circular de separação de Laffitte em 1883. Fundou também o Centro Republicano Potiguaranense em 1888. Em 1891, é mais a favor de uma república unionista descentralizada. Ver Airaghi (2017).

58 Américo Brasília de Campos (1838-1900) (por vezes Americano) formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Advogado, abolicionista e republicano, foi diretor e editor do *Correio Paulistano* antes de fundar o jornal *A Província de São Paulo*, em 1875, que mais tarde se tornou *O Estado de S. Paulo*. Em 1884, fundou também, com José Maria Lisboa, o *Diário Popular*. Sob a república, foi embaixador na Itália, onde morreu.

59 Nicolau França e Leite era formado em engenharia. Foi um dos sócios fundadores da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, em 1878, e autor de *Da educação*, de 1880, segundo volume da coleção de divulgação popular positivista “Bibliotheca Util” da editora paulista Abilio A.S. Marques.

60 Este centro celebra o mestre e o torna isso conhecido nos jornais, ver Joaquim Vilela de O. Marcondes, “Augusto Comte e seus pseudodiscípulos”, trabalho lido na sessão sociolátrica da sociedade positivista desta cidade na noite de 24 de Guttemberg de 93 (5 set. 1881), São Paulo (1881).

litantes positivistas Antônio da Silva Jardim<sup>61</sup> e Cypriano José de Carvalho;<sup>62</sup> ele também intimamente relacionado ao Partido Republicano (Santos, 1942; Debes, 1975) com membros a ele filiados, entre eles Alberto Sales<sup>63</sup> e Pedro Augusto Carneiro Lessa.<sup>64</sup> O grupo paulista é caracterizado por uma cultura jurídica e liberal e uma participação política muito ativa (Santos, 1942).<sup>65</sup> Sebastião Hummel, positivista de São José dos Campos, destaca-se por várias intervenções e mantém-se bastante próximo do positivismo do Apostolado.<sup>66</sup> O positivismo também se espalha em Minas Gerais (Gomes, 2018) com positivistas muito comprome-

61 Silva Jardim (1861-1891) também foi advogado e proferiu inúmeras palestras públicas sobre Comte e o positivismo; também militou na província do Espírito Santo. Assina a circular de separação de Laffitte em 1883. Ver Lima (1987) e Fernandes (2008).

62 Cipriano José de Carvalho, cunhado de Lemos, assina a circular de separação de Laffitte em 1883.

63 A. Sales (1855-1904) estudou engenharia nos Estados Unidos, depois estudou direito e teve uma curta carreira como advogado; desempenha um papel importante por meio do jornalismo, criando uma nova tendência jurídico-filosófica; em 1885 publicou um *Catecismo republicano* amplamente lido. Ele leciona no Colégio Culto à Ciência de Campinas a partir de 1886. Em 1887 publicou *A Pátria paulista* e defende o federalismo. Deputado republicano, mas depois rompe com o partido. Foi também diretor da Escola Normal. Um artigo seu de 1901 “Balanço político”, em *O Estado de S. Paulo* causou muito rebuliço. Ver Vita (1965).

64 Lessa (1859-1921), jurista e professor da Faculdade de Direito, também fez carreira política: chefe da polícia do estado de São Paulo, deputado à Constituinte de São Paulo de 1891; foi ministro do Supremo Tribunal Federal (1907) e eleito em 1910 para a Academia Brasileira de Letras; ele também foi o fundador da Liga de Defesa Nacional, em 1916.

65 Para Arbousse-Bastide (2010, p. 131, nota), L.P. Barreto, J. Leão e A. Sales orientaram o liberalismo republicano do grupo de Campinas para um sentido positivista favorável ao poder pessoal.

66 S. Hummel é professor de escola primária e diretor de escola. Entrou em contacto com o positivismo por volta de 1872 por meio do amigo e concidadão João Neves. Foi um dos fundadores do clube republicano de sua cidade em 1873. Em 1880, tomou a iniciativa de um abaixo-assinado contra um projeto relativo à localização do cemitério fora da cidade. Em 1883, assinou a circular registrando a separação do Apostolado de Paris. Em 1884, distinguiu-se também pela recusa em prestar juramento sobre o crucifixo, exigindo fazê-lo em nome da Humanidade. Em 1886, ele abandonou o Partido Republicano que ele mesmo fundou: ver Arbousse-Bastide (2010, p. 260-262).

tidos com os movimentos republicanos, como João Pinheiro da Silva<sup>67</sup> e Antônio Olinto dos Santos Pires.<sup>68</sup>

No Sul, outro importante grupo positivista foi o do Rio Grande do Sul, liderado por Júlio Prates de Castilhos. Formado na Faculdade de Direito de São Paulo, tornou-se jornalista e, depois, um importante político.<sup>69</sup> Seu positivismo foi significativamente diferente daqueles ilustrados por Lemos e Teixeira Mendes, por um lado, e por Benjamin Constant, por outro. Estava fortemente impregnado das teorias da ditadura republicana positivista e do “caudilhismo”. Júlio de Castilhos foi o principal autor da Constituição do Rio Grande do Sul que ostentava claramente a marca da inspiração positivista. Entre os “castilhistas”, Antônio Augusto Borges de Medeiros, que sucedeu Castilhos na presidência do estado, também estava intimamente ligado ao positivismo (Moreira, s.d.). Ele permaneceu no poder aproximadamente de 1898 a 1928 e abriu caminho para Getúlio Vargas; após tê-lo apoiado, discordou dele, com a Revolução de 1930, devido à política de centralização do poder federal, em detrimento dos governos dos estados. No Paraná, o positivismo também passou pelos engenheiros, pois, considerando David Carneiro (1978), foi durante a construção das linhas férreas, para as quais José Mariano de Oliveira foi trabalhar, que se formou um primeiro grupo de simpatizantes.<sup>70</sup> Desem-

---

67 João Pinheiro (1860-1908) se formou na Faculdade de Direito de São Paulo. Em Ouro Preto, fundou o Clube Republicano, em 1888, precursor do Partido Republicano Mineiro. Também fundou a folha republicana *O Movimento*, bem como a Faculdade Livre de Direito do estado, em Ouro Preto. Vice-presidente de governo de Minas, eleito deputado federal à Constituição de 1891, foi eleito senador da República em 1905 e presidente de Minas Gerais em 1906.

68 Antônio Olinto dos Santos Pires (1860-1925) formou-se em Engenharia de Minas pela Escola de Minas de Ouro Preto, na qual foi professor. Ele cofundou o Partido Republicano Mineiro, e seu jornal *O Movimento*; depois, ocupou vários cargos políticos, incluindo o de primeiro presidente de Minas Gerais após a Proclamação da República no Brasil.

69 Castilhos (1860-1903), militante do partido republicano rio-grandense, dirigiu o jornal *A Federação*, de 1884 a 1889; logo depois foi deputado na Assembleia Constituinte e presidiu o Rio Grande do Sul de 1891 a 1898. Ver Sílvio Romero (1910), Othelo Rosa (1930), Sérgio da Costa Franco (1967), Paulo Carneiro (1982), Mozart Pereira Soares (1991), Ricardo Vélez Rodríguez (2000). Ver também Paulo Ricardo Pezat (1999).

70 J. Mariano de Oliveira, positivista carioca, é cunhado de Lemos e Teixeira Mendes. Publica carta aberta ao presidente da província do Paraná, quando é decretada a obrigatoriedade do ensino primário; texto republicado pelo Apostolado em 1902 sob o título *Contra o ensino obrigatório*, com os protestos de Lemos e Teixeira Mendes de 13 de julho de 1886 e uma carta de Lemos ao ministro do Interior, datada de 14 de março de 1890.

penhou então importante papel João David Pernetta, formado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, depois radicado em Curitiba,<sup>71</sup> onde participou da fundação da Universidade do Paraná, com Nilo Cairo da Silva, também formado no Rio, em engenharia militar e em medicina, que era positivista, mas distante das posições da Igreja positivista.<sup>72</sup> David Carneiro, também formado nas escolas militares do Rio, depois na faculdade de engenharia da Universidade do Paraná, na qual conheceu J. Pernetta, que o impulsionou a fundar o Centro de Propaganda Positivista do Estado do Paraná em 1923, um centro que dispensou um positivismo religioso próximo àquele do Apostolado.

No Nordeste, não faltaram adeptos ao positivismo. Francisco Antônio Brandão, que fez parte dos alunos do grupo de Bruxelas, era do Maranhão e sua obra de 1865, *Escravidão no Brasil*, é considerada uma das primeiras publicações influenciadas pelo positivismo. De volta ao Maranhão, foi professor de física na Escola Normal. Sempre se autodenominou positivista, embora tenha tido desavenças com Lemos e tenha deixado o Apostolado em 1883. Em 1881, publicou uma tradução do *Calendrier positiviste*, e em 1898 fundou com o capitão Raimundo Agostino Gomes de Castro um “Grupo de Ação Positivista” (Arbousse-Bastide, 2010, p. 34 e 174).<sup>73</sup> Na província de Alagoas, em torno de Maceió, teriam ocorrido manifestações positivistas em diversos jornais, desde 1875.<sup>74</sup> Em Pernambuco, Anibal Falcão militou pelo positivismo: muito próximo do positivismo apostólico carioca, entre 1880 e 1887, se afastou dele,

71 João David Pernetta (1874-1933) trabalhou primeiro como engenheiro das ferrovias, depois como engenheiro da Prefeitura de Curitiba; participou da fundação da universidade, na qual lecionou e exerceu funções políticas: vereador da Câmara Municipal e deputado estadual e federal e secretário de Estado.

72 Em Curitiba, Nilo Cairo da Silva (1874-1928) dedicou-se inicialmente à medicina homeopática, para a qual fundou um jornal (1906) e criou um dispensário para crianças. É considerado o idealizador intelectual da Universidade do Paraná, inaugurada em 1913.

73 Raimundo Agostino Gomes de Castro participou a 15 de novembro de 1889 com Benjamin Constant e Deodoro.

74 Moacir Medeiros de Santana (1978) os assinala em “Positivismo e republicanismos em Alagoas”, no qual também são citados os nomes de José de Barros, de João Francisco Dias Cabral, de José Correia da Silva e Pedro Costa Rego.

mas manteve contato.<sup>75</sup> Publicou em Pernambuco, em 1884, com Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, o *Calendário positivista* e a lista de livros da *Biblioteca positivista* orientada por Augusto Comte; assim como um folheto precedido de prefácio de Teixeira Mendes.<sup>76</sup> Esses positivistas pernambucanos mantinham a linha “religiosa”. Em Recife, Clóvis Beviláqua queria desenvolver uma corrente estritamente científica contra a corrente religiosa.<sup>77</sup> Em Sílvio Romero,<sup>78</sup> também havia a influência do positivismo, visto que se baseou tanto em Taine como na metodologia de Le Play e no evolucionismo de Herbert Spencer.<sup>79</sup> Do Recife também

75 Anibal Falcão (1859-1900) participou das comemorações do Rio de Janeiro; ele dá palestras, publica textos, entre outros com Teixeira Mendes sobre a questão da escravidão; ver *Apontamentos para a solução do problema social no Brasil* (1880), reeditado em Miguel Lemos, *O positivismo e a escravidão moderna*, Rio de Janeiro, 1884. Assina a circular de separação de Laffitte em 1883. Publica também em 1883 uma obra sobre a luta dos brasileiros contra os holandeses no século XVII, *Fórmula da civilização brasileira*. Próximo de Benjamin Constant durante a Revolução de 1889, foi deputado federal em 1890 e participou da Assembleia Constituinte de 1891.

76 Em 1881, Francisco Werneck (1861-1893) está na origem de uma polêmica sobre a liberdade religiosa, na Faculdade de Direito de São Paulo, que lhe valeu a exclusão; concluiu seus estudos na Faculdade de Direito do Recife. Para seu casamento, em 1885, ele desencadeou um debate sobre o casamento misto e o casamento civil, ver Arbousse-Bastide (2010, p. 242-243). Juiz municipal no Paraná, foi assassinado durante a Revolução Federalista.

77 Ver sua obra *A filosofia positivista no Brasil* (Beviláqua, 1883), na qual o positivismo é apresentado como um evolucionismo próximo a Spencer e Haeckel. C. Beviláqua (1859-1944) é advogado e professor de direito da Faculdade do Recife; também é titular de uma cadeira da Academia Brasileira de Letras; participou da elaboração da constituição política do estado do Ceará, em 1891, e foi convocado pelo Ministério da Justiça a partir de 1899 para trabalhar na redação de um anteprojeto do Código Civil brasileiro.

78 Sílvio Romero (1851-1914) teve uma carreira de juiz e um percurso de professor; engajado na política, tornou-se deputado federal. Possui também importante obra de crítica literária, sendo considerado o líder da Escola do Recife. Foi também cofundador da Faculdade de Direito de Ouro Preto. Entre suas obras, ver a monumental *História da literatura brasileira* (1888), várias vezes reeditada com suplementos; *A filosofia no Brasil: ensaio crítico* (1878), *Doutrina contra doutrina: o evolucionismo e o positivismo no Brasil* (1894), e *O castilhismo...* (1910). E ainda Sílvio Romero (1969), *Obra filosófica*, com apresentação e seleção de Luís Washington Vita.

79 Romero foi nomeado em 1891 membro do Conselho de Educação Superior por Benjamin Constant. Em *Doutrina contra doutrina* (1894) critica duramente o positivismo. Sobre Romero, ver Antonio Candido (1978 e 2006), Alberto Luis Schneider (2005), R. Vélez Rodríguez (1994), que insiste na inspiração de Le Play e Spencer, e Fernando de Azevedo Lopes (2015), que insiste particularmente sobre seu “spencerismo heterodoxo”.

vem Tobias Barreto,<sup>80</sup> um intelectual multifacetado, um tanto germanista, que criticou abertamente o comtismo, rejeitou a religião da Humanidade e se voltou para o monismo haeckeliano. Finalmente no Pará, o positivismo passou por José Veríssimo<sup>81</sup> e Lauro Sodré,<sup>82</sup> inicialmente partidários de Littré e também interessados nas contribuições dos pensadores e cientistas europeus.

“Positivismo”, no Brasil como na França, dificilmente pode ser usado no singular. Dessa diversidade, os atores desses positivismos tinham plena consciência, como atestam suas polêmicas; e todos aqueles que se empenharam em analisar a história desse movimento, sejam eles seus agentes ou historiadores, mostraram essas divergências de interpretações.

### Leituras históricas

Entre os historiadores interessados no positivismo brasileiro, Angela Alonso (1996) ofereceu um estudo sintético muito claro sobre ele em seu artigo “De positivismo e de positivistas”.<sup>83</sup> Ela propõe uma periodização em três momentos: primeiro, são os próprios agentes do desenvolvimento do positivismo no Brasil que fizeram dele uma espécie de “autointerpretação”, marcada por suas escolhas e suas polêmicas; estas interpretações engajadas e orientadas conduziram depois à “reação e crítica” nas “décadas de 1930, 1940 e 1950”; a partir de 1959, os analistas propuseram “explicações funcionais”. No entanto, nas diver-

80 Sobre Barreto, ver a obra coletiva CDPB (1990) e Godoy (2018). Ver também Paim (1999).

81 José Veríssimo (1857-1916) foi professor e jornalista em Belém; escreveu muito sobre a Amazônia; estava interessado em reformas educacionais, daí seu livro *A educação nacional* (1890); escritor, foi também crítico literário e muito ativo na fundação da Academia Brasileira de Letras, criada em 1897; ver em particular sua análise de 1901, “O positivismo no Brasil” em *Estudos de literatura brasileira*. Ver também Prisco (1937), a obra organizada por Araújo (2007), e Moraes (2018).

82 Lauro Sodré (1858-1944), após seus primeiros estudos no Liceu Paraense, mudou-se para a Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro (1877), onde foi aluno de Benjamin Constant. Foi o primeiro governador do estado do Pará (1891), representante do Pará na Constituinte da República, e eleito quatro vezes senador. Também foi grão-mestre da Maçonaria. Deixou a vida pública em 1930. Ver seu *Crenças e opiniões* ([1896] 1997).

83 Que é um capítulo de uma dissertação dedicada ao positivista L. Pereira Barreto (Alonso, 1995).

As obras analisadas, Alonso mostra que uns e outros propõem “divisões” e “classificações”. Assim, ela sublinha a oposição dos litreístas e laffittistas, que marcou a própria evolução do positivismo dos apóstolos cariocas; a de “positivismo dissidente”, e “positivismo ortodoxo” que Beviláqua usou para distinguir o do Recife e o do Sul; aquela utilizada por Veríssimo denunciando a “postura ditatorial” do Apostolado ao “verdadeiro positivismo”. Logo, ela ressalta em Oliveira Torres “uma classificação, dividindo os positivistas brasileiros em críticos, aqueles que aderiram apenas à filosofia positiva como orientação intelectual; orgânicos, os que visaram uma aplicação do sistema de Comte; e religiosos, os que aceitavam integralmente a obra de Comte”. Ela também evoca as reservas de Carpeaux, que prefere considerar “duas espécies” de positivismos segundo sua relação com a “dominação da realidade” e sua adversidade com o espiritismo. Ela ressalta de Maciel de Barros que a “consideração das numerosas vertentes teóricas, atentava para a existência de variedades positivistas regionais”; e de Bastos, que “estabeleceu várias divisões para o positivismo”, como servindo de ideologia contra o sistema imperial tanto para os militares como para uma “pequena burguesia socializante e nacionalista” e até para o proletariado. Em Paim, ela enfatiza a “tese da diversificação de correntes positivistas” e em Robert Nachman, a “redivisão dos positivistas em ‘praticantes’ — religiosos ou não, que visavam implementar suas ideias mediante um envolvimento político — e ‘confirmados’ — os membros da Igreja Positivista”. A partir de suas análises, Alonso (1996) conclui sobre as “dissensões positivistas” e sobre a “discordância quanto ao modo de implementação do modelo civilizatório no Brasil”. Insisto novamente no complexo pluralismo dos positivismos brasileiros ao evocar também a classificação proposta por Veléz Rodrigues, que distingue quatro “correntes”: o “positivismo ilustrado” (termo emprestado de Paim) representado entre outros por Luiz Pereira Barreto, Pedro Lessa, Ivan Lins Monteiro de Barros; o “positivismo militar” encarnado por Benjamin Constant e Cândido Rondon; o “positivismo religioso”, o da Igreja e do Apostolado; e o “positivismo político” exemplificado por Júlio de Castilhos, Borges de Medei-

ros e Vargas.<sup>84</sup> De fato, ainda é bastante difícil dissociar essas chamadas “correntes”. O exemplo de Benjamin Constant mostra isso porque, embora ele tenha uma formação militar, exerça uma profissão militar pela qual treina outros militares, seu positivismo também era religioso, ainda que tenha rompido com o radicalismo religioso dos “apóstolos”, e teve um protagonismo político na Revolução de 1889, levando à República e à sua organização, na qual foi ministro – da Guerra e depois da Instrução Pública. Quanto ao “positivismo político” de Júlio de Castilhos e seus sucessores, não poderia ser também qualificado de militar, dada a sua ligação a um certo “caudilhismo”, levando Arbousse-Bastide (2010, p. 423), por exemplo, a falar de “positivismo de farda”. Este autor recusa-se, aliás, como o próprio título da sua obra indica, a dissociar “positivismo político e religioso”, dupla face que ele revela em particular no positivismo do Apostolado, objeto essencial das suas análises, que tratava também das posições dos outros seguidores; assim, sublinha que existiam “vários positivismos brasileiros” (p. 430), mostrando os seus aspectos religiosos, muitas vezes em jogo nas polémicas. Que os apóstolos da Igreja tenham levado o “religioso” a uma espécie de fundamentalismo com rigidez sectária, dando-lhe uma dimensão de moralismo místico não pode ocultar o fato de que esteve presente em outros positivistas, vários dos quais, aliás, aderiram à Igreja antes de se distanciarem dela. Ao mesmo tempo, também insistirei no fato de que as categorias de ortodoxos e heterodoxos são pouco operacionais para distribuir as variedades brasileiras de positivismo: podem, basicamente, distinguir os religiosos da Igreja e os outros, mas esses agrupamentos, assim compactados juntos, perdem suas características particulares.<sup>85</sup> Vemos, de todo modo,

84 Veléz Rodrigues, repete essa distribuição em seus textos publicados on-line como “La philosophie contemporaine en Amérique Latine: problèmes et tendances” (2003), retirados de *Philosophy of Latin America* (2003, p. 89-113), “O cientificismo nas origens da sociologia” (2020, p. 10), e “Panorama da filosofia brasileira” (1993, p. 4-6).

85 Pereira Martins (2010, p. 69-91), sempre se refere a esses “dois tipos de positivismo brasileiro, o ortodoxo e o heterodoxo”, embora Alonso (1996, p. 116, 123) tenha repetidamente apontado a clareza insuficiente da divisão entre “ortodoxos” e “heterodoxos”, porque isso seria, de fato, aderir ao discurso de Lemos. Arbousse-Bastide (2010, p. 421), também sublinhou que essas categorias são inoperantes porque tudo depende da referência tomada: assim, os apóstolos “ortodoxos” do Brasil, denunciam Laffitte “o parisiense sofista” e o “intelectualismo” de seu positivismo que, na França, encarna a “ortodoxia” em relação à heterodoxia dissidente daqueles agrupados em torno de Littré.

que tão logo nos interessemos pelo positivismo no Brasil, devemos enfatizar a pluralidade de interpretações e manifestações.

Quanto às características gerais que justificam o uso de um nome comum, Alonso vê três:

Primeiro e obviamente, os positivistas fazem parte do cientificismo, isto é, comungam a crença na capacidade da ciência em descobrir as leis que regem os fenômenos sociais e de fornecer instrumentos de explicação e de intervenção na realidade. [...] O que distingue os positivistas dos outros teóricos cientificistas é um exacerbado senso de missão social de que se consideravam portadores [...]. Todos os positivistas se unificaram politicamente por serem republicanos. [...] o positivismo foi o molde discursivo para a crítica que setores ascendentes empreenderam à elite política (Alonso, 1996, p. 124).

Sobre este último ponto, Alonso (1996) logo traz nuances, enfatizando que os positivistas vêm de várias classes sociais: recrutas da pequena burguesia urbana convivem com fazendeiros ricos ou com a corporação militar; e seu republicanismo comum é antes uma recusa da monarquia, porque as formas ditatoriais previstas por Comte para a república positiva, pelo menos em um período de transição, nem sempre são apreciadas pelos partidos republicanos. Também me parece que é preciso esclarecer um pouco o primeiro traço comum apontado por Alonso: o *cientificismo*. Esse traço também é apontado por Paim (2002) que integra o positivismo, inclusive o do Apostolado, na “Escola cientificista brasileira”, do qual também destaca a preocupação com a “moral positivista”. Esta categoria de “cientificismo” é particularmente invocada por Vélez Rodriguez (1991, p. 17-31; s.d.) quando ele analisa a filosofia de Comte bem como suas importações para a filosofia brasileira. No entanto, o “cientificismo” ao qual se faz referência abrange coisas bem diferentes quando se refere a uma filosofia da ciência mais ou menos comtiana, tal como possa ter sido recebida e ensinada nas escolas militares no início das evocações do positivismo no Brasil, ou mesmo ao que sustenta o rigoroso positivismo apostólico e o ensinamento que ele pretende alcançar, ou quando consideramos as concepções de Beviláqua, Romero ou Veríssimo, em quem a herança de Comte se mistura ou se confronta não só com a de Littré e de Mill, mas por vezes também se refere a Taine ou/e Renan ou/e ainda a um evolucionismo baseado em Spencer, Darwin e Haeckel. Com efeito, é bem o *senso de missão so-*

*cial*, cujo entendimento como missão moral também deve ser sublinhado, que os positivistas partilham, ainda que interpretem o seu roteiro de forma diferente.

## Considerações finais

Vemos como os caminhos do positivismo no Brasil foram diversos e complexos. Consoante os seus intérpretes, a sua formação e os momentos de seus percursos, mantêm-se sobretudo as teses intelectuais ou as formas políticas, que se combinam, para alguns, com um compromisso religioso. Além disso, as várias interpretações são influenciadas por circunstâncias e eventos históricos. Porque, e essa é uma característica que parece ser comum, os positivistas brasileiros têm um senso aguçado de ações e questões concretas, adaptadas à realidade.<sup>86</sup> A filosofia da ciência, de Comte, certamente interessou primeiro aos brasileiros, contudo, todos eles se concentraram em objetivos sociopolíticos, discutindo-os, reformulando-os e redirecionando-os conforme necessário. Os mais religiosos não se afastaram desses interesses pela organização do secular, ainda que se esforçassem para se ater ao papel de orientadores espirituais, que o positivismo do mestre atribuiu ao “sacerdócio”; outros positivistas brasileiros, muitos dos quais, com formação militar e de engenharia, e muitos outros, com formação jurídica, interferiram de forma bastante direta na vida política e social, nas quais por vezes exerceram importantes responsabilidades.

Assim, o positivismo tem sido importante na história do Brasil. Arbousse-Bastide (2010, p. 422), que viu nele um “mito funcional”, falou também de uma “presença que faz parte do patrimônio nacional” e julga que deu “um quadro ideológico, facilmente utilizável tanto para a emancipação racional como para a integração social”. Segundo Arantes (1988), as “harmonias” que Arbousse-Bastide enfatizou, entre o positivismo e o Brasil, são muito exageradas, chegando a falar em “mira-

86 Este é um aspecto em que Arbousse-Bastide (2010) insiste. Mas, como aponta Angela Alonso (1996), Sérgio Buarque de Holanda aproxima antes o positivismo do romantismo e do liberalismo como “formas de evasão da realidade”.

gem”.<sup>87</sup> Miragem ou não, o positivismo foi particularmente bem recebido e representado no Brasil na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX. Ele foi uma força intelectual, espiritual e política.

Como força intelectual, o positivismo exerceu ao menos um papel ideológico, que alguns apreciaram e outros deploraram, mas que não pode ser contestado. Além disso, também sempre se apresentou preocupado em voltar a atenção à história, o que muitas vezes esteve atrelado a uma sedutora tomada de consciência nacional para as jovens nações da América Latina. E isso também aconteceu no Brasil, ainda que o país tenha conquistado sua independência antes de outros países, nos quais ainda estava para ser conquistada. No âmbito da eficácia intelectual e política, devemos também mencionar o quanto o positivismo tem se empenhado em defender a educação e o ensino, ponto em que, aliás, o positivismo apostólico da Igreja brasileira mostrou-se, sem dúvida, menos eficaz do que outros grupos, compostos por professores de escolas do ensino fundamental, diretores de escolas e professores de escolas normais de formação de professores, ou de faculdades.<sup>88</sup> Em outros países latino-americanos, foi claramente ressaltado um positivismo dominante orientado para a pedagogia, cujos seguidores pertenciam a grupos chamados “científicos” no México<sup>89</sup> ou “normalistas” na Argentina, termo que enfatizava os vínculos com as “escolas normais” que se espalharam na época.<sup>90</sup>

87 Para Arantes (1988), o positivismo brasileiro é antes a transposição díspar dos esquemas mentais cristalizados na França do Segundo Império; e serviu sobretudo como “garantia ideológica” para uma má consciência e uma infeliz consciência brasileira, num mundo que se modernizava.

88 Para estes aspectos da atividade dos positivistas, ver Mary Silva da Silva (1999); João Carlos da Silva (2008; s.d.); Luiz Otávio Ferreira (1989; 1998; 2007); Maria Amélia Mascarenhas Dantes (1992).

89 Assim no México, Pedro Contreras Elizalde, Gabino Barrera, os irmãos Francisco e José Díaz Covarrubias, Agustín Aragón ocuparam altos cargos em órgãos educacionais, assim como Porfirio Parra, os irmãos Miguel e Pablo Macedo, José Yves Limantour expressamente membros do grupo “los científicos”.

90 Na Argentina, Pedro Scalabrini é o modelo disso na Escola Normal de Paraná, que se tornou uma espécie de jazida de educadores. Existem muitos estudos sobre esta questão: ver, entre outros, Luis Adolfo Dozo (1982) e Ana Bella Pérez Campos (2016). Até uma revista foi expressamente dedicada à pedagogia, *La Escuela Positiva* (1895-1899). No entanto, os “normalistas” também tiveram confrontos sobre essas questões de educação. Várias universidades e academias na Argentina também devem sua fundação aos positivistas.

Como força religiosa, a importância do positivismo brasileiro é atestada tanto pelos que exemplificaram essa interpretação quanto pelos que a contestaram. Os historiadores também apresentam essa característica destacando certos paradoxos, pois atribuem a ela tanto sua fortuna quanto seu fracasso. Para Oliveira Torres, o sucesso do positivismo no Brasil estaria intimamente ligado ao seu caráter religioso e a deficiente organização do ensino teria facilitado sua expansão (Torres, 2018).<sup>91</sup> Para Cruz Costa (1956, p. 352), o fracasso do positivismo brasileiro se deve justamente à acentuação do religioso por Lemos e Teixeira Mendes. Para Arbousse-Bastide essas interpretações aparentemente opostas podem ser unificadas:

O catolicismo deixou um lugar para ocupar, mas esse lugar ficou desconfortável para qualquer religião autêntica, fosse ela qual fosse. [...] poder-se-ia dizer que o positivismo se difundiu como religião no Brasil, porque não havia religião; mas não deu certo [...], política e socialmente, justamente porque se apresentou como religião e o povo brasileiro não é visceralmente religioso (Arbousse-Bastide, 2010, p. 424).

Além disso, no componente “religioso” do positivismo há um paradoxo fundamental: por um lado, propondo uma síntese universal de todas as religiões, reconhecendo o seu papel histórico, o positivismo acolheu todas elas, as justificou e retomou um objetivo do mesmo tipo; por outro lado, ao pregar a separação do poder espiritual e do poder temporal, foi adepto da separação entre Igreja e Estado. Os positivistas, inclusive os apóstolos religiosos, trabalharam por essa separação, decretada no Brasil antes de sê-lo na Europa.<sup>92</sup>

Quanto ao componente político dos positivismos brasileiros, ele também é complexo. Todos, mais ou menos, participaram de movimentos da abolição da escravidão, bem como da política educativa, embora algumas escolhas tenham sido debatidas, entre outras, no que diz

91 Nesta abordagem, Arbousse-Bastide (2010, p. 424) vê uma “inspiração neotomista” ansiosa por desqualificar o movimento e Alonso (1995, p. 118) considera que a história assim apresentada é parcial, centrada no positivismo de Lemos, considerado como inimigo a ser destruído.

92 A separação entre Igreja e Estado foi votada no Brasil em 7 de janeiro de 1890. Na França, apenas em dezembro de 1905.

respeito à criação de instituições universitárias. A concepção do modo de governo, que mais ou menos assumiu a ideia de uma república ditatorial, também foi um ponto fortemente divisor: não faltaram análises dos excessos conservadores e autoritários do positivismo (Paim, 1979; Arantes, 1988; Vélez Rodríguez, 2015), inclusive quando veem nele uma “arqueologia do Estado-providência” (Bosi, 1992, cap. 9). No campo da política também apareciam alguns paradoxos, porque muitos seguidores mantiveram laços estreitos com as instâncias de poder, envolvendo-se no “temporal” a ponto de, por vezes, exercerem responsabilidades de primeira ordem: direção de instituições acadêmicas, sociais ou econômicas, cargos de deputado, senador, até ministros, presidências de comissões nacionais etc. Sobre esse ponto, aliás, a comparação das interpretações brasileiras do positivismo com as de outros países, mais particularmente com os da América Latina, também lançaria uma luz interessante, que não é possível especificar aqui.

Isso, no entanto, permite identificar outro paradoxo: os trabalhos e as pesquisas realizados sobre os vários positivismos do outro lado do Atlântico são muito numerosos e muito ricos;<sup>93</sup> enquanto na França e na Europa a obra de Comte desperta algum interesse, percebe-se que as escolas de seus discípulos, os movimentos e as revistas por eles suscitadas permanecem muito pouco estudados.

Por fim, para concluir estas análises, observaremos um paradoxo final. É graças ao Brasil e aos positivistas brasileiros que a herança do positivismo francês foi preservada e transmitida. O positivismo havia sofrido muito com desentendimentos entre seguidores e com as agruras das guerras. O brasileiro Paulo Carneiro<sup>94</sup> realizou ações decisivas em Paris: o apartamento de Auguste Comte foi tombado para a “*protection*

---

93 Entre as obras que se interessam pelos positivismos da América Latina como um todo, ver, entre outros: Leopoldo Zea (1976; 1980); Ralph Lee Woodward (ed.) (1971); Ronald Hilton (1973-1974); Charles A. Hale (1986); Oscar R. Martí (s.d.); Susana Nuccetelli (2002); Arturo Ardao (2004); Pablo Guadarrama Gonzalez (2004); Meri L. Clark (2009); Gregory D. Gilson and Irving W. Levinson (eds.) (2012). Além de muitos estudos feitos dependendo do país.

94 Paulo E. de Berredo Carneiro (1901-1982), químico de formação, trabalhou no Instituto Pasteur; depois foi embaixador delegado na Unesco. Suas frequentes estadas em Paris foram dedicadas à salvaguarda do prédio da rue Monsieur-le-Prince, 10, onde Comte morava e no qual seus discípulos guardavam arquivos e documentos.

*au titre des Monuments historiques*”,<sup>95</sup> e os arquivos e documentos ainda presentes no prédio foram objeto de primeiros inventários. Em 1954, P. Carneiro fundou a Associação Internacional “La Maison d’Auguste Comte”, que ainda hoje tem a dupla função de “museu-casa” e centro de arquivos, documentação e pesquisa. Além disso, a capela positivista, instalada na rue Payenne por brasileiros,<sup>96</sup> igualmente mantida, é também agora tombada como patrimônio cultural francês. Os proprietários brasileiros permitem que a Associação “La Maison d’Auguste Comte” organize atividades acadêmicas e culturais nesse espaço. A França, portanto, deve ao Brasil uma inestimável herança positivista.

## Referências

- AIRAGHI, Paulo Vitor Sauerbronn. Um republicano positivista e a reconfiguração da nação: a trajetória de José Leão Ferreira Souto. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017, Brasília. *Anais [...]*. Brasília: Anpuh, 2017.
- ALONSO, Angela. **Positivismo: uso tópico; o projeto civilizatório de Luís Pereira Barreto**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- ALONSO, Angela. De positivismo e de positivistas: interpretações do positivismo brasileiro. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais [BIB]*, n. 42, p. 109-134, 1996.
- ARANTES, Paulo Eduardo. O positivismo no Brasil: breve apresentação do problema para um leitor europeu. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 21, p. 185-194, jul. 1988.
- ARAÚJO, Oscar de. *L’Idée republicaine au Brésil*. Paris: Perrin, 1893.
- ARAÚJO, Oscar de. Le mouvement social au Brésil de 1890 a 1896. *Revue Internationale de Sociologie*, mai 1896.
- ARAÚJO, Sônia Maria da Silva (org.). **José Veríssimo: raça, cultura e educação**. Belém: Editora da UFPA, 2007.
- ARBOUSSE-BASTIDE, Paul. Sur le positivisme politique et religieux au Brésil. *Romantisme*, n. 23, p. 79-97, 1979.

95 Decreto de 12 de dezembro de 1928, seguindo a ação conjunta de Carneiro, Saulnier e Auguste-Paul Edger, muito atuantes para o ecumenismo positivista.

96 Foi inaugurada em 1905, por Teixeira Mendes; acontecimentos, inclusive as guerras mundiais, não permitiram que os positivistas brasileiros dessem a esse lugar a vitalidade que esperavam.

- ARBOUSSE-BASTIDE, Paul. **Le positivisme politique et religieux au Brésil**. Editado por Annie Petit e Francis Utéza. Turnhout: Brepols, 2010. (Collection De Diversis Artibus)
- ARDAO, Arturo. Positivism in Latin America. *In*: NUCCETELLI, Susana; SEAY, Gary (eds.). **Latin American philosophy: An introduction with readings**. Upper Saddle River, NJ: Pearson Prentice Hall, 2004.
- AZEVEDO, Antonio Gomez de. **Essai sur l'histoire du positivisme au Brésil**. Paris: na sede da Sociedade Positivista; Rio de Janeiro: Alves, 1900.
- BARRETO, Luís Pereira. **Positivismo e teologia: uma polêmica**. São Paulo: Livraria Popular Abílio Marques, 1880a. (Coleção Bibliotheca Util)
- BARRETO, Luís Pereira. **Soluções positivas de política brasileira**. São Paulo: Livraria Popular Abílio Marques, 1880b. (Coleção Bibliotheca Util)
- BARROS, Roque Spencer Maciel de. **A evolução do pensamento de Pereira Barreto**. São Paulo: Grijalbo, 1967.
- BASTOS, Tocary A. **O positivismo e a realidade brasileira**. Belo Horizonte: Edições da Revista Brasileira de Estudos Políticos, 1965.
- BEVILÁQUA, Clóvis. **A filosofia positivista no Brasil**. Recife: Typ. Industrial, 1883.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CARNEIRO, Paulo. **Ideias políticas de Júlio de Castilhos**. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.
- CARPEAUX, Otto Maria. Notas sobre o destino do positivismo [1943]. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, v. 5, fase I, p. 121-125, jan.-mar. 1955.
- CARVALHO, Antônio dos Reis. **Os feriados brasileiros: sumários apreciações sobre os dias de festa nacional, considerados como datas de celebração do culto cívico, da religião da Pátria, preâmbulo da religião da Humanidade**. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1926.
- CDPB, Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro. **Tobias Barreto (1839-1889): bibliografia e estudos críticos**. Salvador: CDPB, 1990.
- CANDIDO, Antonio. **Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária**. São Paulo: Edusp, 1978.
- CANDIDO, Antonio. **O método crítico de Sílvio Romero**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARNEIRO, David. **Como chegou o positivismo ao Paraná**. Curitiba: Centro de Propaganda do Positivismo no Paraná, 1978.
- CLARK, Meri L. The emergence and transformation of Positivism. *In*: NUCCE-

TELLI, Susana; SCHUTTE, Ofelia; BUENO, Otávio (eds.). **A companion to Latin American philosophy**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2009. p. 53-67.

COSTA, João Cruz. **Contribuição à história das ideias no Brasil: o desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956a.

COSTA, João Cruz. **O positivismo na República: notas sobre a história do positivismo no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956b. (Coleção Brasileira, série 5a, v. 291)

DANTES, Maria Amélia M. Le positivisme et la science au Brésil. *In*: PETITJEAN, Patrick; JAMI, Cathérine; MOULIN, Anne Marie (eds.). **Science and Empires: Historical studies about scientific development and European expansion**. Dordrecht: Springer, 1992. p. 165-172. (Boston Studies in the Philosophy of Science, v. 136)

DEBES, Célio. **O Partido Republicano de São Paulo na propaganda (1872-1889)**. São Paulo: Edição do Autor, 1975.

DIACON, Todd A. **Stringing together a Nation: Cândido Mariano da Silva Rondon and the construction of modern Brazil, 1906-1930**. Durham: Duke University Press, 2004a.

DIACON, Todd A. **Rondon**. Companhia das Letras, 2004b.

DOZO, Luis Adolfo. Aspectos pedagógicos del positivismo en la Argentina. **Cuyo: Anuario de Filosofía Argentina y Americana**, v. 16, p. 119-127, 1982.

FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi. **A esperança e o desencanto: Silva Jardim e a República**. São Paulo: Humanitas, 2008.

FERREIRA, Luiz Otávio. **Os politécnicos: ciência e reorganização social segundo o pensamento positivista da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, 1862-1922**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

FERREIRA, Luiz Otávio. Ciencia pura versus ciencia aplicada: la fuerza de la tradición positivista en la ciencia brasileña a comienzos del siglo XX. **Revista de Historia y Ciencias Sociales**, nueva época, n. 41, p. 111-123, maio-ago. 1998.

FERREIRA, Luiz Otávio. O ethos positivista e a institucionalização da ciência no Brasil no início do século XIX. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**, v. 4, n. 3, p. 1-10, 2007.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época**. Porto Alegre: Globo, 1967.

GILSON, Gregory D.; LEVINSON, Irving W. (eds.). **Latin American Positivism**. Lanham, MD: Lexington, 2012.

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. **Tobias Barreto: uma biografia intelectual**

do insurreto sergipano e sua biblioteca com livros alemães no Brasil do século XIX. Curitiba: Juruá, 2018.

GOMES, Maysa. Educação, sociabilidade e atuação: o positivismo como processo de organização política, social e educacional (Minas Gerais, fins do século XIX, início do XX). *Revista de História e Historiografia da Educação*, Curitiba, v. 2, n. 4, p. 96-121, 2018.

GUADARRAMA GONZALEZ, Pablo. *Positivismo y antipositivismo en América Latina*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2004.

HALE, Charles A. Political and social ideas in Latin America, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie A. (ed.). *The Cambridge history of Latin America*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1986. v. 4, p. 367-442.

HILTON, Ronald. Positivism in Latin America. In: WIENER, Philip P. (ed.). *Dictionary of the history of ideas*, New York: Charles Scribner's Sons, 1973-1974. v. 3.

LAGARRIGUE, Jorge. Circulaire adressée aux positivistes. In: LAGARRIGUE, Jorge. *Lettres sur le positivisme et la mission religieuse de la France*. Vincennes, Marseille, Rio de Janeiro, Santiago: Publications de l'Église Universelle, 1886.

LEAL, Antônio Henriques. *Pantheon maranhense, II*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1873-1875.

LEITE, Nicolau França. *Da educação*. São Paulo: Abilio A.S. Marques, 1880. (Coleção Bibliotheca Util)

LIMA, Heitor Ferreira. *Perfil político de Silva Jardim*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987. (Coleção Brasileira)

LINS, Ivan. *História do positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

LOPES, Fernando de Azevedo. *O “conservadorismo progressista” de Sílvio Romero: naturalismo e política na Primeira República brasileira*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2015.

MARTÍ, Oscar R. Positivist thought in Latin America. In: *Routledge encyclopedia of philosophy online* (REP Online). s.d. DOI: 10.4324/9780415249126-ZA016-1.

MARTINS, Gabriela Pereira. Repensando o positivismo. *CSONline: Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, ano 4, n. 9, p. 69-91, 2010.

MATTHEWS, Charlotte Hammond. *Gender, race, and patriotism in the works of Nísia Floresta*. Woodbridge: Tamesis, 2012.

MENDES, Raymundo Teixeira. *Benjamin Constant: esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do fundador de Republica Brasileira*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1892. 2v.

MORAES, Felipe Tavares de. **José Veríssimo (1857-1916), intelectual amazônico: geração 1870 e educação no Grão-Pará (1877-1891)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MOREIRA, Regina da Luz. **Antônio Augusto Borges de Medeiros**. (Verbete biográfico). *In*: CPDOC/FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/Fundação Getulio Vargas, s.d.

NUCCETELLI, Susana. **Latin American thought: philosophical problems and arguments**. Boulder, CO: Westview Press, 2002.

OLIVEIRA, José Feliciano de. **A bandeira nacional**. São Paulo: Typ. Augusto Sieira, 1907-1908.

OLIVEIRA, José Feliciano de. Un positiviste de la première heure: Dr. L. Pereira Barretto. **Revue Positiviste Internationale**, ano 19, n. 1, p. 43-51, 1924.

PAIM, Antonio. O pensamento político positivista na República. *In*: CRIPPA, Adolpho. (coord.). **As idéias políticas no Brasil**. São Paulo: Convívio, 1979. v. II, p. 35-74.

PAIM, Antonio (dir.). **O Apostolado Positivista e a República**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; Câmara dos Deputados, 1981a. (Coleção Pensamento Político Republicano, v. 2)

PAIM, Antonio (dir.). **Plataforma política do positivismo ilustrado**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; Câmara dos Deputados, 1981b. (Coleção Pensamento Político Republicano, v. 5)

PAIM, Antonio. **A filosofia da Escola de Recife**. [Rio de Janeiro: Saga, 1966]. Londrina: Editora da UEL, 1999.

PAIM, Antonio. **A Escola Cientificista Brasileira: estudos complementares à “História das ideias filosóficas no Brasil”**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. v. VI.

PÉREZ CAMPOS, Ana Bella. **Escuela Normal de Paraná: construcciones discursivas de la nacionalidad argentina**. Paraná: Uader, 2016.

PETIT, Annie. **Le Système d’Auguste Comte: de la science à la religion par la philosophie**. Paris: Vrin, 2016.

PETIT, Annie. Positivisme(s), écoles et mouvances. **Revue d’Histoire des Sciences Humaines**, n. 32, p. 99-128, 2018.

PEZAT, Paulo Ricardo. O Club Cooperador Positivista Sul-rio-grandense e a propaganda da religião da Humanidade na cidade do Rio Grande (1891-1894). **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 11, p. 107-117, 1999.

PICKERING, Mary. **Auguste Comte: An intellectual biography**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1993. v. 1.

PICKERING, Mary. **Auguste Comte: An intellectual biography**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2009a. v. 2.

PICKERING, Mary. **Auguste Comte: An intellectual biography**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2009b. v. 3.

PRISCO, Francisco. **José Veríssimo: sua vida e suas obras**. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1937.

ROMERO, Sílvio. **A filosofia no Brasil: ensaio crítico**. Porto Alegre: Typ. da Deutsche Zeitung, 1878.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Garnier, 1888.

ROMERO, Sílvio. **Doutrina contra doutrina: o evolucionismo e o positivismo no Brasil**. Rio de Janeiro: J.B. Nunes, 1894. (2. ed. melhorada, Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves, 1895)

ROMERO, Sílvio. **O castilhismo no Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1910.

ROMERO, Sílvio. **Obra filosófica**. Apresentação e seleção de Luís Washington Vita. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Edusp, 1969.

ROSA, Othelo. **Júlio de Castilhos: perfil biográfico e escritos políticos**. Porto Alegre: Globo, 1930.

SALGUEIRO, Heliana Angiotti. **Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.

SANTANA, Moacir Medeiros de. Positivismo e republicanismo em Alagoas. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**, v. XXXIV, 1978.

SANTOS, José Maria dos. **Os republicanos paulistas e a abolição**. São Paulo: Martins, 1942.

SCHNEIDER, Alberto Luís. **Sílvio Romero, hermeneuta do Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

SILVA, Fábio de Barros. Luís Pereira Barreto: uma abordagem positiva da moralidade e da realidade brasileira. **Estudos Filosóficos**, n. 11, p. 16-23, 2013.

SILVA, João Carlos da. **O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim: as propostas do Apostolado Positivista para a educação brasileira (1870-1930)**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SILVA, João Carlos da. Pesquisa historiográfica em educação: o Apostolado Positivista do Brasil e a instrução pública no Brasil. *In*: HISTEDBR, **Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”**. Campinas: Unicamp, s.d. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/acervos/o-apostolado-positivista-do-brasil-e-a-instrucao-publica-no-brasil>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SILVA, Mary Silva da. **A matemática positivista e sua difusão no Brasil**. Vitória: Edufes, 1999.

SOARES, Mozart Pereira. **Júlio de Castilhos**. Porto Alegre: IEL, 1991.

SOARES, Mozart Pereira. **O positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte**. Porto Alegre: AGE Editora, 1998.

SODRÉ, Lauro. **Crenças e opiniões**. Com Introdução de Geraldo Mártires Coelho. Brasília: Editora do Senado Federal, [1896] 1997. (edição fac-similar)

TORRES, João Camilo de Oliveira. **O positivismo no Brasil**. Brasília: Edições da Câmara dos Deputados, [1943] 2018.

VÉLEZ RODRIGUEZ, Ricardo. O fenômeno do cientificismo na cultura brasileira. **Revista Brasileira de Filosofia**, São Paulo, v. 39, n. 161, p. 17-31, 1991.

VÉLEZ RODRIGUEZ, Ricardo. **Panorama da filosofia brasileira**. 1993. Disponível em: [https://www.academia.edu/13248678/PANORAMA\\_DA\\_FILOSOFIA\\_BRASILEIRA](https://www.academia.edu/13248678/PANORAMA_DA_FILOSOFIA_BRASILEIRA). Acesso em: 23 abr. 2024.

VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. Silvio Romero: o homem e sua obra. *In*: COLÓQUIO DE FILOSOFIA LUSO-BRASILEIRA, 3., 1994, Ponta Delgada (Açores). **Anais [...]**. Ponta Delgada: Universidade dos Açores; Instituto Augusto Franco; Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 1994.

VÉLEZ RODRIGUEZ, Ricardo. **Castilhismo: uma filosofia da República**. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial, 2000.

VÉLEZ RODRIGUEZ, Ricardo. La philosophie contemporaine en Amérique Latine: problèmes et tendances. *In*: FLOISTAD, Guttorm (ed.). **Philosophy of Latin America**. Dordrecht: Springer, 2003.

VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. **O republicanismo brasileiro**. Londrina: [s.n.], 2015.

VÉLEZ RODRIGUEZ, Ricardo. O cientificismo nas origens da sociologia. **Blog Ricardo Veléz**. 2020. Disponível em: <https://www.ricardovelez.com.br/blog/o-cientificismo-nas-origens-da-sociologia>. Acesso em: 23 abr. 2024.

VÉLEZ RODRIGUEZ, Ricardo. **O cientificismo de Augusto Comte (1798-1857) e as suas repercussões na América Latina**. s.d. Disponível em: [https://www.academia.edu/11293288/A\\_FILOSOFIA\\_DE\\_AUGUSTO\\_COMTE\\_E\\_A\\_SUA\\_INFLUENCIA\\_NA\\_AMERICA\\_LATINA](https://www.academia.edu/11293288/A_FILOSOFIA_DE_AUGUSTO_COMTE_E_A_SUA_INFLUENCIA_NA_AMERICA_LATINA). Acesso em: 23 abr. 2024.

VERÍSSIMO, José. **A educação nacional**. Pará: Tavares Cardoso, 1890.

VERÍSSIMO, José. O positivismo no Brasil. *In*: VERÍSSIMO, José. **Estudos de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Garnier, 1901.

VILLEROY, A. Ximeno de. **Benjamin Constant e a política republicana**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1928.

VITA, Luís Washington. **Alberto Sales: ideólogo da República**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Edusp, 1965. (Coleção Brasileira, n. 327).

WERNECK, Antônio Luiz dos Santos. **O positivismo republicano na academia, pelo estudante**. São Paulo: Typ. de Jorge Seckler, 1880.

WOODWARD, Ralph Lee (ed.). **Positivism in Latin America, 1850-1900: are Order and Progress reconciliable?** Lexington, MA: Heath, 1971.

ZEA, Leopoldo. **El pensamiento latinoamericano**. 3. ed. Barcelona: Ariel, 1976. (1ª ed. sob o título *Dos etapas del pensamiento en Hispanoamérica*, 1949)

ZEA, Leopoldo. **Pensamiento positivista latinoamericano**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980.

Como citar o capítulo:

PETIT, Annie. A interpretação do positivismo no Brasil: originalidade e paradoxos. *In*: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; ALMEIDA, Marta de (Org.). **Ciências e tecnologias num Brasil (in)dependente**. Brasília, DF: Editora IBICT, 2025. Cap. 9, p. 245-280. DOI: 10.22477/9788570131737. cap9